



FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO BRASIL NO PERÍODO COLONIAL: AS ANÁLISES DE GILBERTO FREYRE E SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA

Luciene Maria Pires Pereira¹, Ana Lúcia Sales de Lima²

RESUMO: Este artigo pretende discutir as análises desenvolvidas por Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda acerca da formação e desenvolvimento da sociedade brasileira. Os autores escolhidos para esta discussão destacam-se dentro da historiografia brasileira por apresentarem, em seus respectivos contextos históricos, interpretações distintas da história do Brasil que contribuiriam para a compreensão do processo formador do Brasil e, conseqüentemente, para a compreensão da realidade brasileira após 1930.

PALAVRAS-CHAVE: Formação da Sociedade Brasileira; Miscigenação; Processo Civilizador.

1 INTRODUÇÃO

As análises sobre a formação do Brasil eclodem de acordo com o momento histórico, de acordo com os anseios de cada indivíduo inserido na sociedade. Atualmente, apesar de vivermos momentos turbulentos devido ao nosso contexto político e econômico, os estudos sobre nosso passado não mais ocupam a maioria das publicações, quadro muito diferente do que ocorrera em outras épocas em nossa história.

Entre o final do século XIX e o início do século XX, o Brasil passou por transformações significativas para a nossa história, dentre as quais destacamos o crescimento da vida urbana e a diversificação das atividades econômicas. Nesse sentido, o Brasil deixava de ser um país predominantemente agrário para se tornar um país cada vez mais urbano e com uma economia diferenciada. (FAUSTO, 1998).

Apesar do novo cenário que se desenvolvia no interior da sociedade brasileira, cabe ressaltar que o poder do patriarcado rural não desapareceu, e sim passou a co-existir com novos poderes, novas classes e novas formas de enriquecimento. A nascente vida urbana ainda iria se desenvolver dentro dos moldes patriarcais (FAORO, 1958). Entretanto, sofrendo a influência de novos elementos, criou-se pela primeira vez um sistema de trocas entre o campo e a cidade, provocando o surgimento de uma rede de serviços que trouxeram à cena novos atores sociais. Além das transformações sociais, houveram ainda as manifestações no campo da política, que tomou nova direção com a Revolução de 1930 – revolução que trouxe em si a crise do sistema oligárquico vigente até então, trazendo para o cenário político novas forças sociais (MOTA, 1980).

Iniciado em outubro de 1930, esse movimento armado teve na década de 1920 as origens de suas motivações, ideias e objetivos, período no qual apareceram mais claramente as conseqüências do crescente processo de urbanização e industrialização, com as camadas médias e as massas urbanas reivindicando uma maior participação política (ABREU, 2001). Nesse período, eventos como a Semana de Arte Moderna de 1922 e a fundação do Partido Comunista Brasileiro continham a gênese das mudanças na sociedade brasileira, na medida em que representavam o esboço de uma nova etapa da organização dessa sociedade – tanto política quanto culturalmente falando – e nos ajudam a compreender as formulações ideológicas dos atores políticos, pensadores e grupos intelectuais do período (OLIVEIRA, 1980).

Com o enfraquecimento do poder político oligárquico, baseado na política do café-com-leite³, a nova sociedade que se formava tornava-se mais complexa, com a progressiva neutralização de forças que antes dominavam o cenário político e a crescente inserção da burguesia industrial no interior do governo (ABREU, 2001).

Nesse contexto permeado pelo nascimento de uma sociedade urbana, pela diversificação da produção, pelo aumento de poder e influência de novos atores sociais nos rumos da vida política e econômica do país, e por

¹ Docente do curso de História, modalidade EAD, da UniCesumar. Graduada em História pela Universidade Estadual de Maringá. Especialista em História Econômica pela Universidade Estadual de Maringá. Mestre em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP/FCL de Assis-SP. Membro do grupo de pesquisa GAPDH (Grupo de Apoio à Pesquisa e Docência em História) pela UniCesumar. Membro da Sociedade Internacional de Estudos Jesuíticos (SIEJ).

E-mail: luciene.pereira@unicesumar.edu.br

² Professora de História (SEED/PR). Docente do curso de História (EAD/Unicesumar). Graduada em História pela Universidade Estadual de Maringá. Especialista em História e Sociedade e Mestre em História pela Universidade Estadual de Maringá. Integrante do Laboratório de Estudos do Império Português pela Universidade Estadual de Maringá. Membro do grupo de pesquisa GAPDH (Grupo de Apoio à Pesquisa e Docência em História) pela Unicesumar e Integrante da Sociedade Internacional de Estudos Jesuíticos (SIEJ). E-mail: ana.lima@unicesumar.edu.br

³ Forma de dominar o cenário político brasileiro baseado na aliança entre as oligarquias mineira e paulista, que se revezaram no comando do país ao longo da primeira república.



tudo que essas mudanças representaram para nossa história, ocorreu uma explosão de textos e publicações com o objetivo de se repensar o Brasil, transformando as cidades em grandes centros de reflexão, que primavam por uma busca de nossas raízes étnicas e culturais. O país estava (re)construindo sua identidade, buscando entender a sua posição em relação ao resto do mundo, que também passava por transformações (OLIVEIRA, 1980).

Tais análises ganharam força ao longo do século XX e dominaram por muito tempo o cenário de discussões acadêmicas, adquirindo características dogmáticas e servindo de base para o que era ensinado dentro e fora do mundo acadêmico, tornando-se dessa maneira referência para a produção do saber histórico nos mais variados ambientes.

2 MATERIAL E MÉTODOS

O presente artigo foi escrito a partir da análise das obras *Casa Grande e Senzala* de Gilberto Freyre, publicada em 1933, e *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Holanda, publicada originalmente em 1936, amparada por uma vasta pesquisa bibliográfica acerca do tema. Para o desenvolvimento da análise, fundamentamos nossos estudos no materialismo histórico dialético.

3 A ANÁLISE DE GILBERTO FREYRE

A primeira obra importante de Gilberto Freyre foi *Casa Grande & Senzala*, publicada em 1933 e que representava o momento de efervescência cultural pela qual o Brasil passava naquele momento, sobretudo no que diz respeito à questão racial no país, uma discussão que ganhou espaço com o aparecimento mais incisivo da influência europeia em nossa sociedade entre o final do século XIX e início do século XX. O Brasil se aproximou da cultura europeia e viveu um momento de europeização com o “branqueamento” da população, motivada pelo crescente número de indivíduos europeus que vieram para o país (HOFBAUER, 2006).

Freyre apontou como essa postura favorável ao branqueamento da sociedade ganhou adeptos até mesmo entre os negros africanos, que passaram a ter atitudes comportamentais semelhantes às dos homens brancos, desenvolvendo estratégias – como uso da sensualidade, o uso de linguagem adocicada e por vezes o uso da força – para ser aceito entre o homem branco.

Inserido nesse contexto social e embasado pela antropologia cultural norte-americana (MOTA, 1980), Gilberto Freyre em suas obras⁴, procurou discutir as nossas origens étnicas e culturais, preocupado em ressaltar e valorizar o significado do processo de mestiçagem do povo brasileiro. Para o autor, as relações inter-raciais no interior da sociedade brasileira deveriam ser vistas como uma característica positiva dentro do nosso processo de formação, sendo essa uma característica que nos capacitava a ensinar algo às outras nações, visto que aqui os conflitos existentes entre as “raças” eram absorvidos pela sociedade e não se transformavam em conflitos maiores, como ocorria em outros países. Segundo o autor, “em tudo que é expressão sincera de vida, trazemos quase todos a marca da influência negra.” (FREYRE, 1998, p. 283).

Por posições como esta e por não analisar a história do Brasil sob um olhar negativo, a leitura de *Casa Grande e Senzala* pode nos induzir ao erro de enxergar o autor como alguém que não conseguia, ou não queria, enxergar os conflitos inerentes à sociedade brasileira. No entanto, Gilberto Freyre não acreditava em uma sociedade sem contradições. Ao contrário, acreditava que a contradição estava presente no seu processo de formação, sendo incorporada à sua análise, sendo possível observar essa compreensão da existência de conflitos até mesmo nos títulos de suas obras. Em uma frase de significado marcante, o autor ressaltou que “a força, ou antes, a potencialidade da cultura brasileira parece-nos residir toda na riqueza dos antagonismos equilibrados”. (FREYRE, 1998, p. 335). Isso nos mostra a maneira positiva como Gilberto Freyre encarava o fato de termos nos constituído como um país formado por mais de um grupo étnico e avaliava o peso dos conflitos existentes para o sucesso de nosso desenvolvimento.

É possível observar em toda obra do autor um esforço constante em apresentar ao leitor o negro como um elemento fundamental para a construção de nossa identidade, de nossa personalidade, na medida em que em vários momentos da leitura somos chamados a olhar para as influências e contribuições que o negro, sobretudo o que convivia com a família na casa grande, exerceu na vida do homem branco. Influências que insidiam em nossos hábitos alimentares, nosso vocabulário – com a inclusão de novas palavras –, na criação dos nossos filhos, nas cantigas de ninar e até mesmo em nossa vida sexual.

Gilberto Freyre tinha como propósito em suas obras mostrar que a sociedade brasileira não podia ser considerada inferior às demais sociedades por causa de sua característica mestiça. Ao contrário, o contato entre culturas tão diferentes entre si fazia do país uma nação mais avançada e culturalmente superior às demais. Além disso, ressaltava o fato de que conseguiu-se organizar uma estrutura produtiva em um país com condições geográficas que em nada lembravam a Europa, sendo, portanto, um equívoco tentar comparar a sociedade brasileira com qualquer outra sociedade europeia.

⁴ Além de *Casa Grande e Senzala* podemos citar também o livro *Sobrados e Mucambos*, publicado em 1936.



Ao procurar ressaltar e valorizar a presença do negro em nosso processo formador, Gilberto Freyre estava se referindo ao negro que se encontrava na condição de escravo, isto é, somente seria possível analisar a situação do negro e suas influências e contribuições para a formação da sociedade brasileira tendo em mente a sua condição de escravo. Ao que parece, Freyre tentou oferecer uma justificativa para o comportamento do negro no seio de nossa sociedade, relacionando suas atitudes com sua condição.

Sempre que consideramos a influência do negro sobre a vida íntima do brasileiro, é a ação do escravo, e não a do negro per si, que apreciamos. (...). Ao lado da monocultura, foi a força que mais afetou a nossa plástica social da escravidão. Parece às vezes influência de raça o que é pura e simples do escravo: do sistema social da escravidão. Da capacidade imensa desse sistema para rebaixar moralmente senhores e escravos. O negro nos aparece no Brasil, através de toda nossa vida colonial e da nossa primeira fase de vida independente, deformado pela escravidão. Pela escravidão e pela monocultura de que foi o instrumento, o ponto de apoio firme, ao contrário do índio sempre movediço. (FREYRE, 1998, p. 315).

Acreditamos que resida nessa caracterização do negro a inovação da obra de Gilberto Freyre, pois o autor chamou nossa atenção para a diferença entre as atitudes de um indivíduo em conformidade com sua condição social. Isto é, o modo como esse indivíduo está inserido na sociedade, o papel que exerce na sociedade determina o seu modo de agir e pensar. Por essa linha de raciocínio, o autor entendeu e mostrou que o negro veio para o Brasil na condição de escravo, e mesmo com o fim desse regime, encontrou dificuldades para se inserir na sociedade de uma maneira diferente, visto que aqui ele aprendeu a ser escravo, a estar a serviço do outro. Desse modo, podemos tentar imaginar como seria a vida do negro caso viesse para o Brasil em outras circunstâncias, desempenhando um outro papel? Tarefa demasiada difícil, na medida em que estamos já tão acostumados com a condição de escravo do negro africano do Brasil colonial.

Sendo assim, afirmamos que os trabalhos do autor propuseram uma quebra de estereótipo, na medida em que inseriam o estudo da cultura negra e suas características no contexto da escravidão, desmistificando algumas das características atribuídas a essa instituição e enfatizando que tais características, assim como certas atitudes do negro, somente foram desenvolvidas por este encontrar-se inserido em um regime escravocrata, no qual era o agente principal. As circunstâncias fizeram do negro o indivíduo que ainda hoje não é raro descrevermos com preconceitos.

Casa Grande e Senzala evidenciou uma característica de seu autor, que era o fato deste primar por uma análise social do Brasil, voltando seu olhar para os aspectos do cotidiano da sociedade brasileira, que iam desde os hábitos alimentares das famílias até suas aventuras sexuais. Trata-se de uma obra que se assenta na “diferença entre raça e cultura”, na discriminação dos “efeitos de relações puramente genéticas e influências sociais, de herança cultural e de meio” (FREYRE, 1998).

O legado deixado por Gilberto Freyre é amplo e aborda uma série de questões e aspectos de nosso processo formador que nos permitem refletir sobre nosso papel na sociedade. No entanto, por ser um autor que inovou historiograficamente na medida em que representou uma ruptura com a abordagem cronológica clássica e com as concepções imobilistas da vida social do passado (MOTA, 1980), esse legado sofreu críticas nem sempre favoráveis à sua postura ou metodologia, críticas estas que visavam atribuir um caráter limitado e até mesmo literário às suas obras.

Dante Moreira Leite (1976) é um dos críticos de Gilberto Freyre e chegou a classificar *Casa Grande e Senzala* como uma obra literária, ambígua, polivalente e imperecível, além de acreditar tratar o livro de uma obra pretensiosa e que se apresentava como trabalho de um iniciante nas letras. Leite acreditava que *Casa Grande e Senzala*, assim como as demais obras do autor, era a expressão da interpretação da história do Brasil da classe dominante, revelando os preconceitos mais conservadores dessa classe. Nesse sentido, embora tenha elaborado uma teoria correta para fazer sua análise, Freyre não conseguira ultrapassar a perspectiva de sua classe social, o que tornava sua análise limitada e que, por essa razão, não poderia ser considerada uma obra que traçava o perfil da sociedade brasileira como um todo.

Além disso, para Moreira Leite, a característica marcante da obra de Freyre, e a que lhe atribuía o caráter literário, encontrava-se no fato de que suas análises não eram pautadas por documentos capazes de comprovar suas teorias. Ao contrário, suas conclusões resultavam mais de intuições pessoais, não sendo, dessa maneira, “possível identificar um ponto de vista teórico bem definido na obra de Gilberto Freyre, nem indicar o método por ele empregado para chegar às suas afirmações” (1976, p. 275).

Andreas Houfbauer, em estudo acerca da história do “branqueamento” da sociedade brasileira, concordou com a visão de Dante Moreira Leite, afirmando que

O livro *Casa Grande & Senzala*, que visa explicar a formação do povo brasileiro, aproxima-se frequentemente mais de um relato literário repleto de considerações pessoais e de frases de efeito do que de um tratado científico comprometido com a



elaboração de cadeias argumentativas lógicas amparadas na aplicação coerente de pressupostos teóricos na análise de dados empíricos. (2006, p. 247).

Mas essa postura crítica em relação ao trabalho de Gilberto Freyre não é unânime na historiografia brasileira, visto que alguns nomes da nossa historiografia preferiram reconhecer as contribuições deixadas por Freyre para a compreensão da evolução histórica brasileira.

Entre os que se enquadram nessa categoria de críticos do pensamento de Gilberto Freyre, destacamos Carlos Guilherme Mota, que – embora não negasse que a obra de Freyre, com formas regionalistas – pudesse encobrir a história das relações de dominação no Brasil, reconheceu que

O estudo da trajetória e dos vários impactos da obra de Gilberto Freyre sobre os meios intelectuais assume grande importância por permitir a análise da cristalização de uma ideologia com grande poder de difusão: a ideologia da cultura brasileira. Sua postura se apresenta, ela mesma, como objeto de investigação estratégico: contém as ambiguidades daquilo que se poderia denominar uma “geração” de explicadores da cultura brasileira. (1980, p. 54).

4 A INTERPRETAÇÃO DE SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA

Assim como Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda também deu um novo sentido à interpretação da história do Brasil quando, em 1936, lançou *Raízes do Brasil*, livro no qual pretendeu traçar os elementos que marcaram a trajetória da sociedade brasileira desde seus primeiros momentos.

Sérgio Buarque, que possui formação jurídica, tornou-se historiador em um momento em que o Brasil estava sendo repensado, em meio ao clima efervescente pelo qual país passava na década de 1930, o qual já esboçamos em outro momento. Como boa parte da elite letrada do Brasil do século XX, Sérgio Buarque sofreu influências de formas de pensamento europeias, dentre as quais destacamos a História Social (MOTA, 1980), sendo possível observar em *Raízes do Brasil* a busca pelo modo de pensar do brasileiro. Desse modo, ao analisar o “homem brasileiro”, o autor estava pensando em “tipos ideais” de homens e mentalidades, seguindo um modelo que, nesse caso, tinha origem nas nações da Europa Ocidental, conforme destaca Antônio Cândido no prefácio da terceira edição desta mesma obra.

Nesse prefácio, Cândido destacou a fórmula inovadora de análise proposta por Sérgio Buarque e demonstrou de maneira clara e livre de pudores os motivos que tornavam *Raízes do Brasil* uma obra importante e relevante para a construção do saber sobre o Brasil. Por essa razão, sem aparentar qualquer tipo de receio em criticar posturas e posições políticas contrárias à sua, Cândido apresentou de modo singular as tensões vividas pela sociedade brasileira no momento de elaboração de *Raízes do Brasil*, colocando o nascimento do livro como uma resposta a essas tensões, representadas, sobretudo, pela Revolução de 1930, tida por ele como um marco divisor na história do Brasil.

O historiador Edgar de Decca⁵ criticou a posição de Antônio Cândido, pois acreditava que a valorização da elaboração de *Raízes do Brasil* como uma resposta à Revolução de 1930 ou como uma forma de direcionar o pensamento dos mais jovens, conforme apontou Cândido, trazia em si um equívoco, visto que Sérgio Buarque não chegou sequer a mencionar tal evento. Desse modo, Antônio Cândido “compromete *Raízes do Brasil* com um acontecimento que lhe é estranho” (DECCA, s.d., p. 15). Para Edgar de Decca, *Raízes do Brasil* era resultado mais da efervescência da Semana de Arte Moderna de 1922 do que da Revolução de 1930.

A nosso ver, nos parece arriscado compartilhar das afirmações de Decca, na medida em que entendemos que Sérgio Buarque não poderia ter deixado de ser contaminado pelos acontecimentos e discussões que assolavam o país decorrentes dos fatos de 1930. Acreditamos que se não é feita nenhuma menção explícita em *Raízes do Brasil* a tais acontecimentos, não nos parece acertado afirmar que essa volta às nossas origens proposta pelo seu autor em nada tenha a ver com o momento histórico em que vivia.

Retomando o livro *Raízes do Brasil*, observamos que a metodologia utilizada pelo autor nos permite apreender o seu entendimento das contradições existentes na evolução da sociedade brasileira, contradições oriundas, pode-se dizer, das relações interculturais, além é claro do fato de o território português no além-mar apresentar-se como uma realidade diferente de tudo que já fora visto até então, levando indivíduos a desenvolverem novas estratégias para se adaptarem a essas novas características. Desse modo, ao se mesclar costumes e valores de um povo europeu com uma realidade nunca vistas antes, criou-se uma situação contraditória, onde as diferenças culturais pesaram na nova sociedade que se pretendia formar.

Ao longo do livro, as oposições apontadas pelo autor são peças-chave para entendermos a estrutura implantada aqui pelos portugueses, oposições que evidenciam-se logo nos títulos dos capítulos, o que representa

⁵ DECCA, Edgar Salvatori de. www.unicamp.br/siarq/sbh/Raizes_do_Brasil-um_ensaio_das_formas_historicas.pdf, acessada em 31/07/2009.



talvez uma tentativa de Sérgio Buarque em levar o leitor ao pensamento crítico, fundamental para a compreensão do debate em torno da “construção” do Brasil pelos portugueses.

Dentre as consequências da existência dessas contradições na nova sociedade que se formava, a que mais incomodava o autor era o fato do Brasil não ter conseguido se transformar em uma sociedade urbano-industrial, isto é, em uma sociedade moderna, caracterizada por relações impessoais e institucionais, típicas das sociedades europeias. Isso para o autor apresentava-se como um aspecto negativo em nossa história, um aspecto nascido das circunstâncias em que o Brasil foi colonizado e que impedira nosso progresso.

Raízes do Brasil foi uma tentativa do autor em chamar a atenção para o quanto de Portugal se enraizou no território brasileiro e o quão desfavorável foi esse enraizamento. O autor preocupou-se em apresentar a história de um Brasil que não deu certo, e não deu certo devido, sobretudo, às características que em Gilberto Freyre eram vistas como algo positivo para nossa formação, dentre estas o contato entre brancos e negros, a miscigenação.

A impressão que temos ao entrarmos no universo de *Raízes do Brasil* é de que, embora denominados “brasileiros”, na verdade somos uma extensão de Portugal, haja vista que importamos “nossas formas de convívio, nossas instituições, nossas ideias (...)” (HOLANDA, 1995, p. 31). Dessa maneira, a obra é uma crítica à permanência ou influência de costumes, valores e instituições portuguesas no Brasil. Seria uma crítica indireta (ou direta) àqueles que vieram para nosso território na tentativa de construir uma nova nação, em busca de novas oportunidades, mas que na verdade não conseguiram implantar aqui algo que de fato fosse novo. Estabeleceram apenas um prolongamento da sociedade portuguesa.

Difícil é dizer até que ponto tal crítica é válida, na medida em que embora talvez tenha se tentado constituir no Brasil uma sociedade nos moldes portugueses, o que se observou foi o surgimento de uma nação diferente de tudo o que se conhecia até então, devido, sobretudo, às particularidades aqui encontradas que criaram situações inéditas e adversas, com as quais os novos habitantes foram obrigados a aprender a lidar.

O que observamos é que *Raízes do Brasil* é uma crítica à realidade do Brasil no século XX, que, segundo o próprio Buarque, não conseguiu superar os obstáculos criados por uma colonização de caráter tradicional e aristocrático, características herdadas de uma nação que se diferenciava do restante da Europa e que não encontrou o caminho para a modernização como o restante do continente, uma nação que no momento da colonização encontrava-se ainda em um momento de transição de uma mentalidade aristocrática para uma mentalidade capitalista, já em voga em outros países europeus.

Como entendia que era como o homem pensava que determinava todos os aspectos da sociedade, o autor procurou entender porque a classe dirigente do Brasil desenvolveu uma mentalidade rural-patriarcal ao invés de seguir o caminho traçado por outras sociedades europeias. Para Sérgio Buarque, a resposta estava na sociedade portuguesa, que embora tenha mostrado sinais de que também entraria no caminho do desenvolvimento do capitalismo, não conseguiu completar o processo e acabou por implantar direta ou indiretamente na sociedade além-mar essa mentalidade tida como atrasada pelo autor.

Na visão de Sérgio Buarque, alguns elementos se desenvolveram em Portugal no caminho da “modernidade”, mas essa mentalidade que se esboçava de forma moderna, burguesa, não teve equilíbrio para se desenvolver, talvez pela própria fragilidade do feudalismo. Ou seja, essa nova forma de organização não enfrentou um confronto direto com a sociedade feudal, que permitisse o amadurecimento de suas ideias e princípios, e estabelecesse as bases sobre as quais se assentariam essa pretensa forma de organização da sociedade.

Nesse sentido, o que parece ter prejudicado, se assim podemos dizer, a sociedade portuguesa foi o fato desta não ter passado pela fase clássica do feudalismo que em outras sociedades europeias antecedeu e até mesmo possibilitou o nascimento do capitalismo. Como não viveu o feudalismo em toda sua plenitude, os novos setores que entravam em cena não buscaram por mudanças. Ao contrário, procuraram se adaptar a uma forma de organização da vida pré-existente, freando o processo de evolução das forças econômico-sociais portuguesas.

Por isso, porque não teve excessivas dificuldades a vencer, por lhe faltar apoio econômico onde se assentasse de modo exclusivo, a burguesia mercantil não precisou adotar um modo de agir e pensar absolutamente novo, ou instituir uma nova escala de valores, sobre os quais firmasse permanentemente seu domínio. Procurou, antes de associar-se às antigas classes dirigentes, assimilar muitos dos seus princípios, guiar-se pela tradição, mais do que pela razão fria e calculista. Os elementos aristocráticos não foram completamente aliados e as formas de vida herdadas da Idade Média conservaram, em parte, seu prestígio antigo. (HOLANDA, 1995, p. 36).

Como se vê, para o autor, a mentalidade moderna portuguesa parece ter se formado rápida demais e a burguesia não conseguiu se fortalecer, acabando por adquirir características aristocráticas. Seria essa, segundo Sérgio Buarque, a raiz da nossa não modernização: Portugal trouxe para suas possessões do além-mar indícios de modernidade, mas carregados de elementos feudais.



5 CONCLUSÃO

Embora seja possível encontrar questões referentes aos diversos setores da sociedade brasileira em suas obras, autores como Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda tornaram-se nomes importantes na historiografia brasileira ao inovarem em seus trabalhos, apresentando aspectos da sociedade colonial que eram pouco explorados até aquele momento, aspectos inerentes à formação social e cultural daquela sociedade.

Apesar de ser acusado de não se basear em fatos e documentos para elaborar sua análise, entendemos que Gilberto Freyre, com sua *Casa Grande e Senzala* e outros trabalhos, procurou valorizar a cultura do povo brasileiro do período, exaltando toda a sua riqueza, mais do que a economia e até mesmo a política, o que pode ser considerado como algo inovador para o período em que tais obras foram escritas. Diante disso, pode-se observar que a intenção do autor era de se posicionar contra uma postura racial existente no Brasil de sua época e mostrar que não se podia acusar um passado marcado por relações interculturais pelas mazelas da sociedade em que vivia.

Para se compreender a maneira de pensar de Sérgio Buarque é preciso termos em mente o fato de que este é filho da modernidade, tendo nascido junto com o processo da modernização da Europa e com o avanço do capitalismo. Sendo assim, podemos entender a influência sofrida por este da ética protestante de Max Weber, valorizando o trabalho e o que se pode alcançar com a organização.

Por essa razão, engana-se aquele que pensa que ao caracterizar o colonizador português como “aventureiro” o autor estava enaltecendo o fato deste não ter medo do novo e dos obstáculos que encontrava em seu caminho. Na verdade, para Sérgio Buarque o adjetivo “aventureiro” apresentava-se mais como uma característica negativa no português, pois trazia em si a falta de planejamento e organização, essenciais para a execução de um projeto extenso e complexo como foi o da obra colonizadora.

Desse modo, ao contrário de Gilberto Freyre, que ressaltava em suas obras o fato de os portugueses terem sido os responsáveis pela fundação “da maior civilização moderna nos trópicos” (1998, p. 190), Sérgio Buarque enxergava a nossa colonização como uma tarefa realizada sem uma organização metódica e que se concluiu *apesar* dos seus colonizadores.

Raízes do Brasil deve ser entendido dentro do contexto da busca de seu autor pela modernização do Brasil no século XX, de onde advinha a necessidade de apresentar o Brasil como uma nação que precisava superar seu passado aristocrático para progredir em busca da modernidade. Trata-se de uma obra que apresentava o pioneirismo do autor no que diz respeito ao “modo de desvendar o passado dentro de um prisma engajado, que visava uma redefinição do político, a preeminência do social e as possibilidades de transformação da sociedade brasileira”. (DIAS, 1998, p. 18).

Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda representam uma linha de análise do passado colonial brasileiro na qual os aspectos étnicos, sociais, psicológicos e culturais da sociedade colonial são o ponto de partida.

REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira Alves de. et al... (coord.). **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro Pós- 1930**. 2º ed. V. 5. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas; CPDOC, 2001.

CÂNDIDO, Antônio. (org.). **Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998.

DECCA, Edgar Salvadori de. **Raízes do Brasil** : um ensaio das formas históricas.

http://www.unicamp.br/siarq/sbh/Raizes_do_Brasil-um_ensaio_das_formas_historicas.pdf (acessada em 31/07/2015).

FAORO, Raymundo. **Os Donos do Poder**: formação do patronato político brasileiro. 3º ed. Porto Alegre: Globo, 1976.

FAUSTO. Bóris. **História do Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fundação do Desenvolvimento da Educação, 1998.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 34º ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

HOFBAUER, Andréas. **Uma história de branqueamento ou o negro em questão**. São Paulo: Editora da UNESP, 2006.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.



LEITE, Dante Moreira. **O Caráter Nacional Brasileiro**: história de uma ideologia. 3º ed. São Paulo : Pioneira, 1976.

MOTA, Carlos Guilherme. **Ideologia da Cultura Brasileira**: 1933-1974. São Paulo: Ática, 1980.

OLIVEIRA Lúcia Lippi (coord.). **Elite intelectual e debate político nos anos 30**: uma bibliografia comentada da Revolução de 1930. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1980.